

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

LÍNGUA PORTUGUESA

Prof.^a Aline Xavier/Prof.^a Valéria Muniz

- Posicionar-se de maneira **crítica**, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais;
- **Desenvolver o conhecimento** ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e **no exercício da cidadania**;

OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

- **Utilizar diferentes linguagens** — verbal, **matemática, gráfica, plástica e corporal** — como meio para produzir, expressar e **comunicar** suas ideias, **interpretar** e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
-

- **Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.**



Fundamental para o aprendizado

- No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao **fracasso escolar**, tem sido a questão da **leitura e da escrita**. Sabe-se que **os índices brasileiros de repetência** nas séries iniciais — **inaceitáveis** mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à **dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever**.
-

- Essa dificuldade expressa-se com clareza nos **dois gargalos** em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. **No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem,** condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série.
-

- Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da **reestruturação do ensino de Língua Portuguesa**, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita.
-

- O conhecimento disponível nos **anos 60** levava a buscar no **aluno a causa do fracasso escolar**.
 - No início dos **anos 80**, deslocaram a ênfase habitualmente posta em como se ensina e buscavam descrever — **como se aprende**. Esses trabalhos ajudaram a compreender aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Permitiram, por exemplo, que se começasse a desvelar as razões pelas quais as **crianças que vinham de famílias mais favorecidas pareciam ter muito mais desenvoltura para lidar com as demandas escolares que as de famílias menos favorecidas**.
-

- **Esforço de revisão das práticas de alfabetização.** A primeira prática questionada foi a dos exercícios de prontidão. Também o silabário da cartilha — confundido muitas vezes com a própria ideia de alfabetização — tem sido substituído por uma grande variedade de textos.
-

- A **língua** é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, **aprendê-la** é aprender não só as **palavras**, mas também os seus **significados culturais** e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.
-

- Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como resultantes da articulação de três variáveis: o **aluno, a língua e o ensino**.
- **Desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem** que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão.

APRENDER E ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

- Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao **universo dos textos que circulam socialmente**, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.
-

- O professor deveria ensinar o sistema alfabético de escrita e algumas convenções ortográficas do português — o que garantiria ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo. Para isso é necessário o trabalho em duas linhas básicas: **os exercícios de redação e os treinos ortográficos e gramaticais.**
 - **A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita.**
-

- **Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos**, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, **a unidade básica de ensino só pode ser o texto**, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exijam.
-

- **Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.**
-

- **Expandir o uso da linguagem** em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas;
- **Utilizar diferentes registros**, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam.

O ensino de Língua Portuguesa deverá organizar-se de modo que os alunos sejam capazes de:

- **Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura;**
 - **Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos. (MUITO IMPORTANTE)**
-

- A organização dos conteúdos de Língua Portuguesa em função do eixo

USO  **REFLEXÃO**  **USO**

pressupõe um tratamento cíclico, pois, de modo geral, **os mesmos conteúdos aparecem ao longo de toda a escolaridade**, variando apenas o grau de aprofundamento e sistematização.

- Considerar os **conhecimentos anteriores** dos alunos em relação ao que se pretende ensinar, identificando até que ponto os conteúdos ensinados foram realmente aprendidos;
 - Considerar o **nível de complexidade dos diferentes conteúdos como definidor do grau de autonomia possível aos alunos, na realização das atividades, nos diferentes ciclos;**
-

- **Considerar o nível de aprofundamento possível de cada conteúdo, em função das possibilidades de compreensão dos alunos nos diferentes momentos do seu processo de aprendizagem.**
-

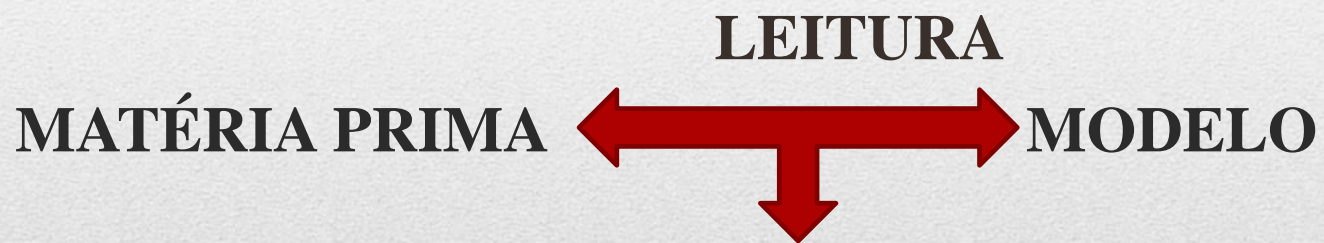
- Se o objetivo é que os alunos tenham uma **atitude crítica em relação à sua própria produção de textos**, o conteúdo a ser ensinado deverá ser **procedimentos de revisão dos textos que produzem**.
-

- A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: **alguém que lê muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem.**

LÍNGUA ESCRITA: USOS E FORMAS

- O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a **possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura**, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

Prática de leitura



- Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: **têm servido apenas para ensinar a decodificar**, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura.
 - Formação de leitores: pág. 43
-

- O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que **não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação**. Ao contrário, é preciso **oferecer aos alunos inúmeras oportunidades** de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam.
-

- Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a **diversidade de textos** escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é **preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto**, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.
-

- **Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta.**
-

- Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre a leitura, de vez em quando desenhar o que o texto lido sugere, ou ler em voz alta quando necessário. No entanto, **uma prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares.**
-

- Para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de **mobilizá-los internamente**, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisarão fazê-los achar que a **leitura é algo interessante e desafiador**, algo que, conquistado plenamente, dará **autonomia e independência**.
-

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia;
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;

PAA FOMAR LEITORES

- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras;
 - garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando;
 - possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola;
 - títulos para serem adquiridos pela escola, optar sempre pela variedade:
 - construir na escola uma política de formação de leitores.
-

- Um escritor competente é capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto.

ESCRITA

- reescrever ou parafrasear bons textos já repertoriados mediante a leitura;
- transformar um gênero em outro: escrever um conto de mistério a partir de uma notícia policial e vice-versa; transformar uma entrevista em reportagem e vice-versa, etc.;

Produção com apoio

- dar o começo de um texto para os alunos continuarem (ou o fim, para que escrevam o início e o meio);
 - planejar coletivamente o texto (o enredo da história, por exemplo) para que depois cada aluno escreva a sua versão (ou que o façam em pares ou trios).
-

- Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem **constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias criações.**
-

- É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, **formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura.**
-

- Realizar uma oficina, situação didática onde a proposta é que os alunos produzam textos tendo à disposição diferentes materiais de consulta, em função do que vão produzir: outros textos do mesmo gênero, dicionários, enciclopédias, atlas, jornais, revistas e todo tipo de fonte impressa eventualmente necessária.
-

- O importante, de qualquer forma, é dar **sentido às atividades de escrita**. Por outro lado, considerar o texto como unidade básica do ensino de Língua Portuguesa não significa que, eventualmente, não seja necessário analisar unidades como as palavras e até mesmo as sílabas,
-

- observar textos impressos de diferentes autores com a intenção de desvelar a forma pela qual eles resolvem questões sobre a forma pela qual o autor resolveu o problema da repetição por meio de substituições, ou observa as características da pontuação ou mesmo o rastreamento, em um conto, de todas as expressões que o autor usou para indicar mudança de lugar, de tempo ou do personagem em cena.

Trabalho de análise linguística

- Saber o que é substantivo, adjetivo, verbo, artigo, preposição, sujeito, predicado, etc. não significa ser capaz de construir bons textos, empregando bem esses conhecimentos. Quando se enfatiza a importância das **atividades de revisão** é por esta razão: trata-se de uma oportunidade privilegiada de **ensinar o aluno a utilizar os conhecimentos que possui**, ao mesmo tempo que é fonte de conteúdos a serem trabalhados.

Aspectos gramaticais

- Isso porque os **aspectos gramaticais** — e outros discursivos como a pontuação — devem ser selecionados **a partir das produções escritas dos alunos**. O critério de relevância dos aspectos identificados com problemáticos — que precisam, portanto, ser ensinados prioritariamente — deve ser composto pela combinação de dois fatores: por um lado, o que pode contribuir para maior adequação e legibilidade dos textos e, por outro, a capacidade dos alunos em cada momento.
-

- O critério do que deve ser ou não ensinado é muito simples: apenas os termos que tenham utilidade para abordar os conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua excluindo-se tudo o que for desnecessário e costuma apenas confundir os alunos.
-

- Finalmente, é preciso voltar a enfatizar o papel que o **trabalho em grupo** desempenha em **atividades de análise e reflexão** sobre a língua: **é um espaço de discussão de estratégias** para a resolução das questões que se colocam como problemas, de busca de alternativas, de **verificação de diferentes hipóteses, de comparação de diferentes pontos de vista**, de colaboração entre os alunos para a resolução de tarefas de aprendizagem.
-

- **Partir do que os alunos já sabem** sobre o que se pretende ensinar e focar o trabalho nas **questões que representam dificuldades** para que adquiram conhecimentos que possam **melhorar sua capacidade** de uso da linguagem.

Objetivo
